

A Tola, A Rota, A Paisagem

Marina Zeni Rizzi

Fevereiro de 2023

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Os Negativos

Impressões em transparência inkjet.



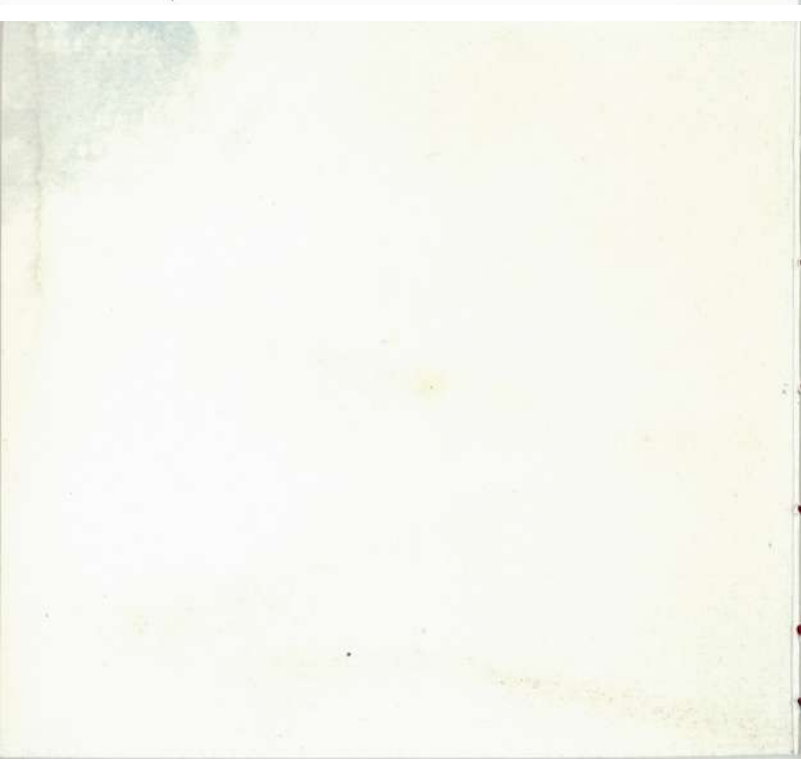
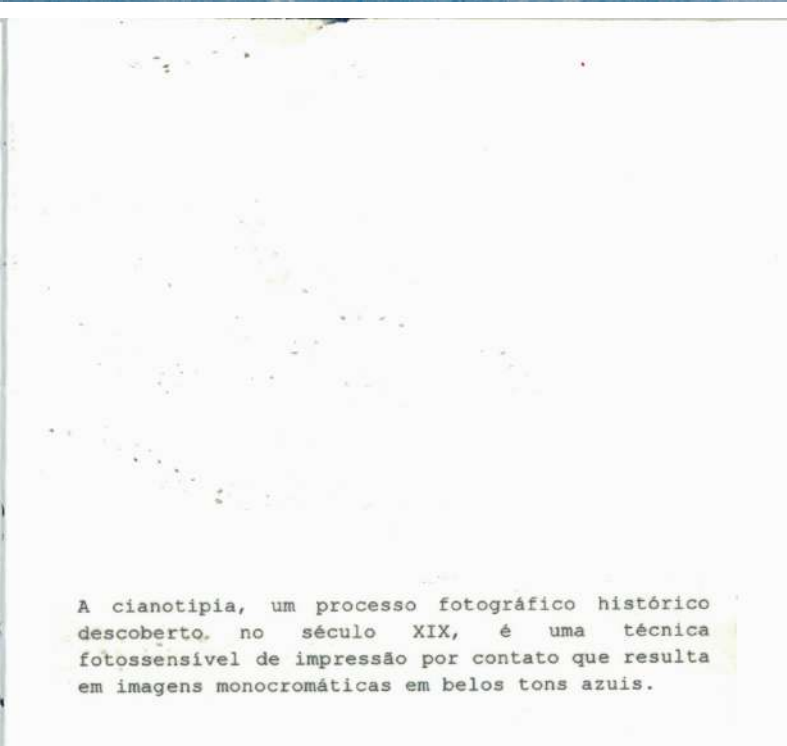


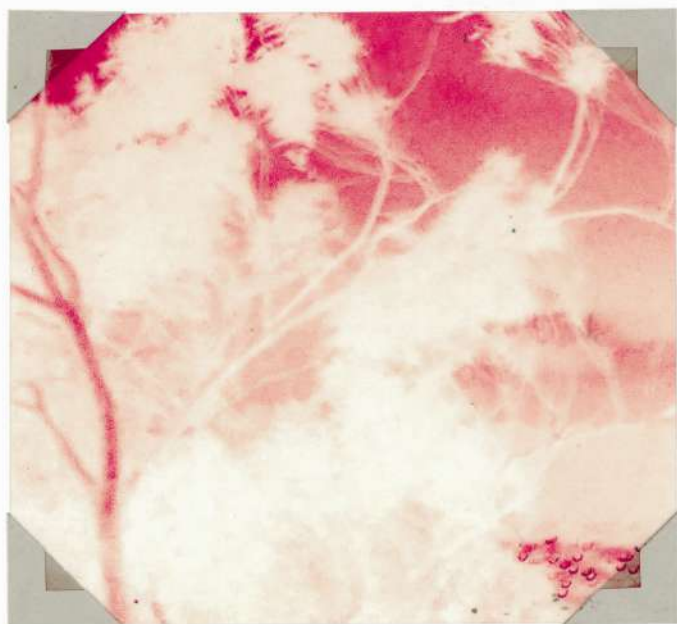
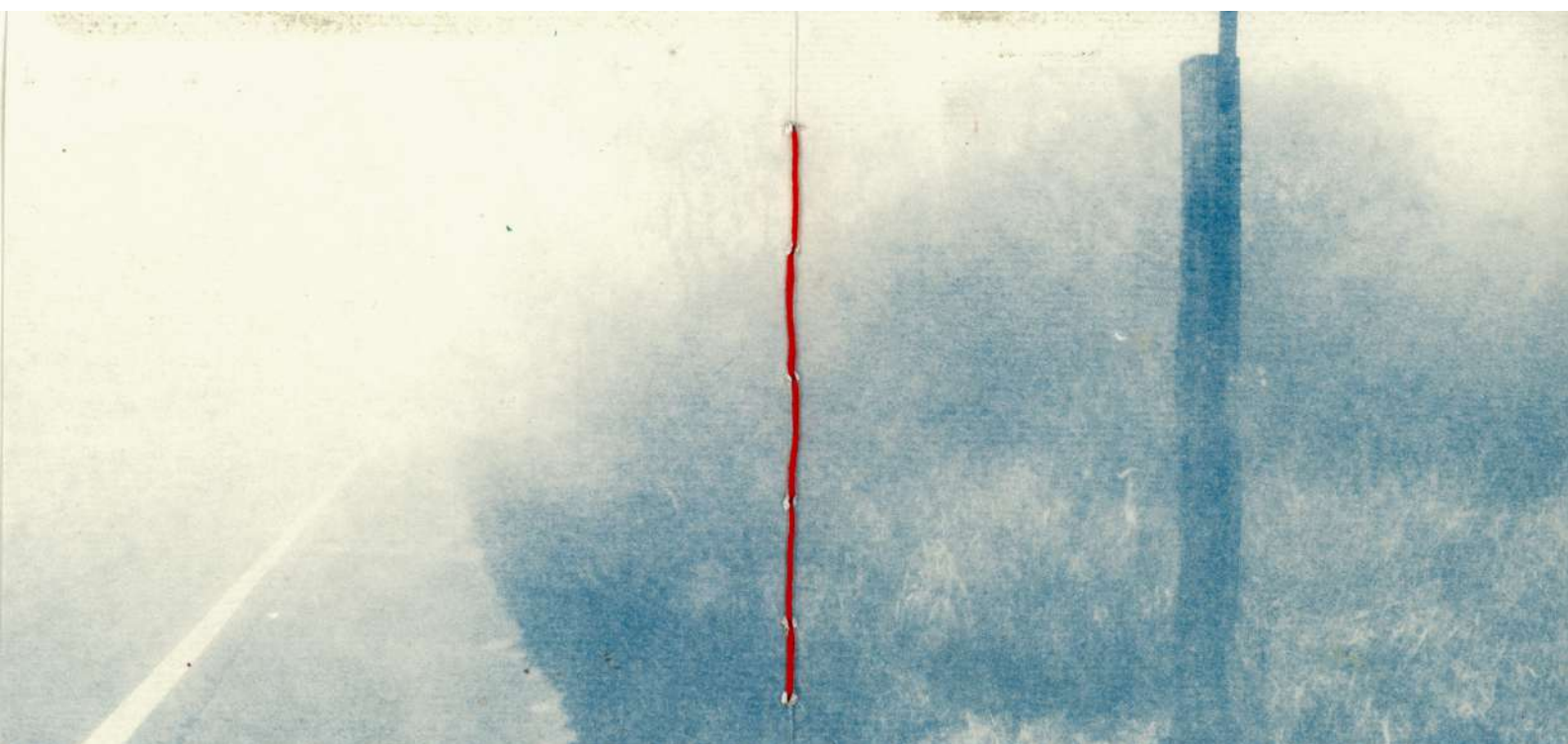
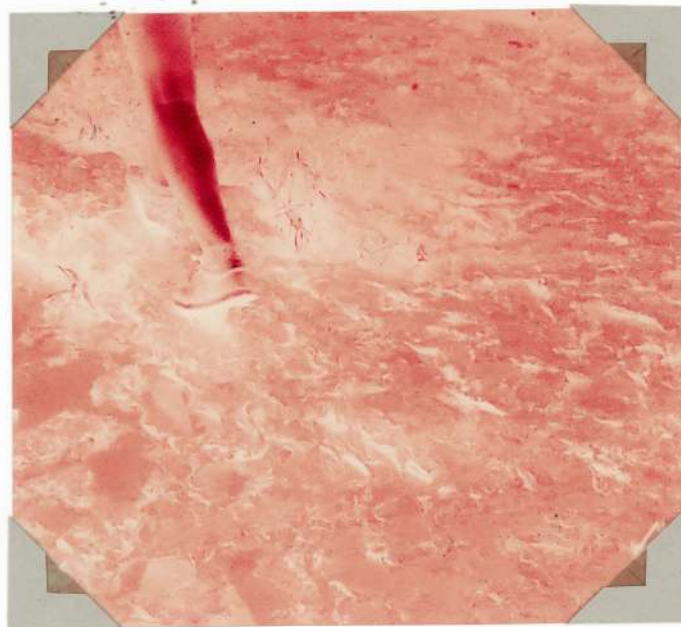


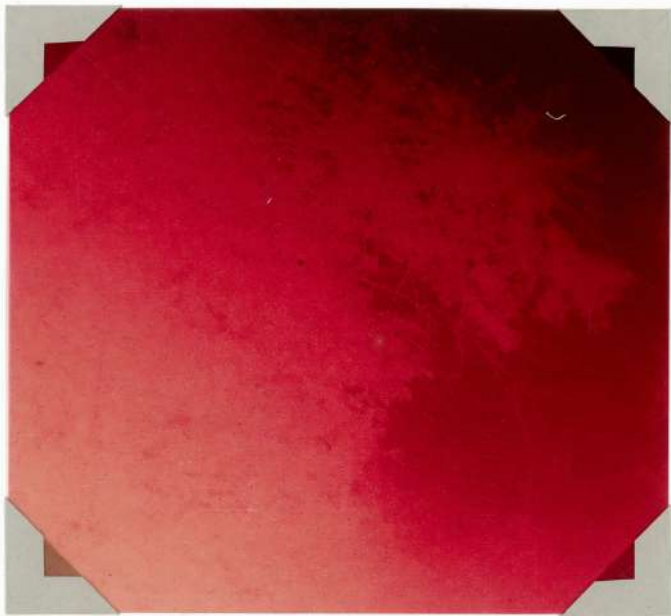
O Caderno

Cianotipias encadernadas manualmente com negativos.



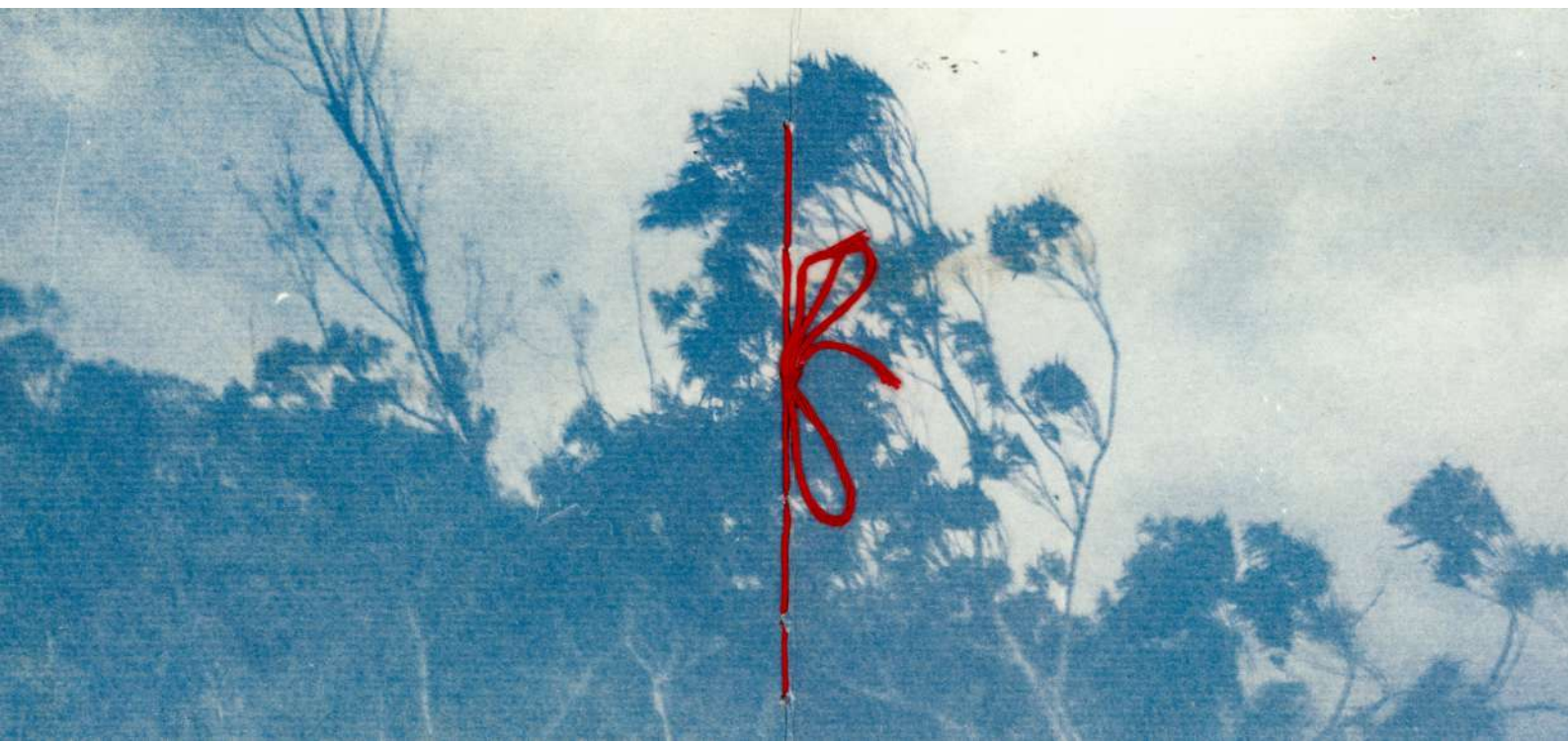






Este caderno foi costurado manualmente a partir de testes de impressões em cianotipia utilizados para o meu trabalho de conclusão de curso, com uma mistura de Citrato Férrico Amoniacal marrom e Ferricianeto de Potássio feita por mim e outros colegas do departamento.

Gostaria de agradecer às seguintes pessoas:
Meu orientador, João Musa, por ter me apresentado a fotografia de maneira tão encantadora durante toda a graduação. Meus pais e irmão, por sempre terem apoiado minhas escolhas e me motivarem nos momentos mais difíceis. Meus colegas de departamento, por todo carinho que me proporcionaram. Meu bisavô, Lóris, por ter me feito apaixonar pelas Artes Visuais quando ainda era uma criança.



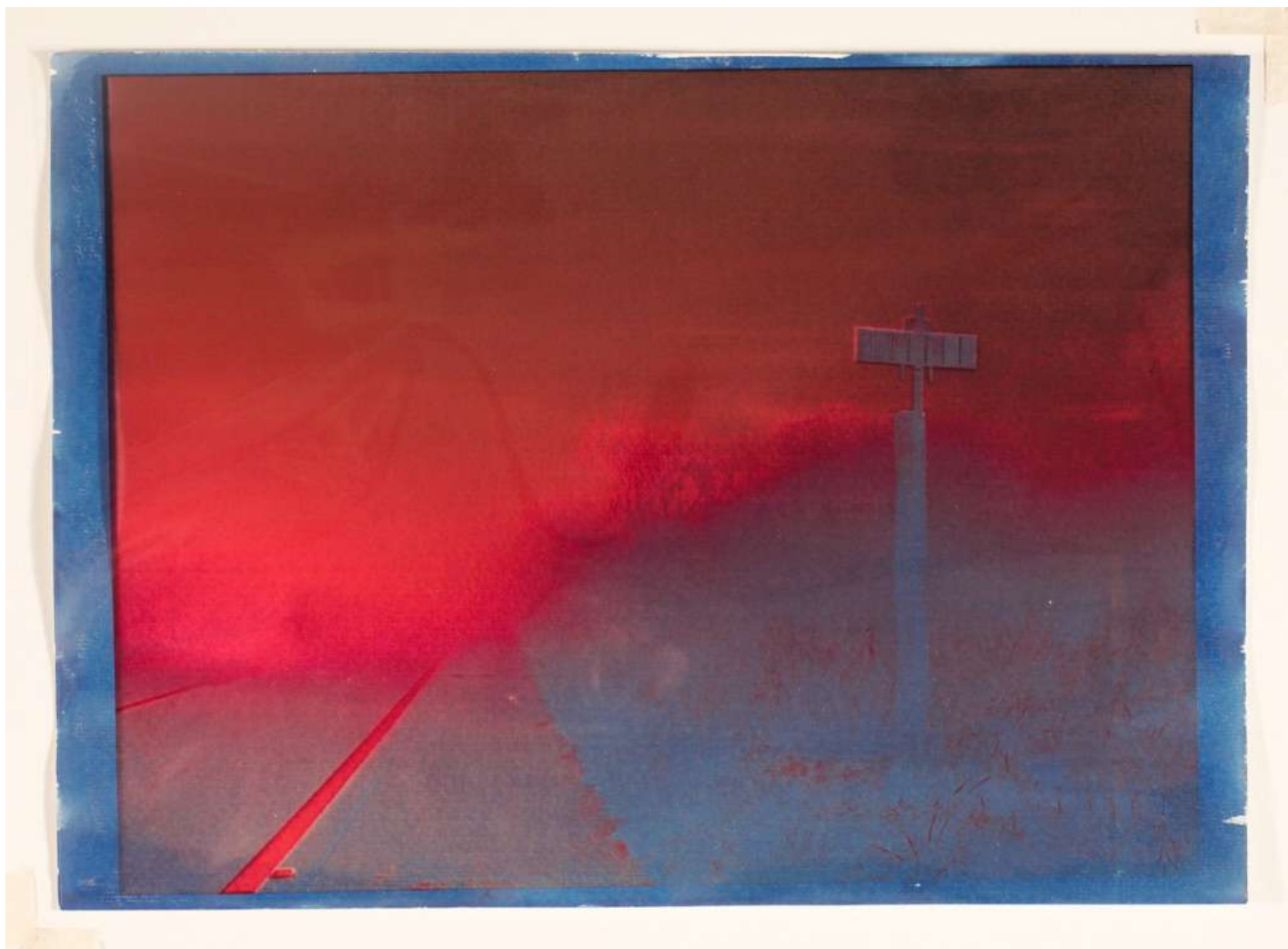
As Fotos

Cianotipias sobrepostas por seus respectivos negativos, feitos em transparência inkjet.



A Tola

Aquela que inocentemente decide adentrar a trilha.



A Rota

A incerteza do caminho.



A Paisagem

A bem-aventurança da chegada.

Em 2020 eu estava em um momento de bastante empolgação com a fotografia analógica na disciplina de processos fotográficos, ministrada pelo Musa. Com a quarentena e a impossibilidade de prosseguir de usar o laboratório de fotografia do CAP, o professor passou a apresentar, de maneira remota, técnicas de fotografia para além do digital que poderiam ser realizadas em casa. Uma dessas técnicas foi a cianotipia, que era possível de fazer na casa dos meus pais em São Roque, pois lá eu tinha uma impressora e bastante sol à disposição para produzir.

Comecei a usar negativos coloridos, mas não de maneira intencional. Por um erro de impressão, todos os meus negativos - impressos de transparência inkjet da filipaper - saíram em tons de um vermelho escuro. Decidi testá-los assim mesmo e, como vi que funcionavam muito bem, nunca corriji o tal erro. Foi muito interessante que, depois, já de volta ao CAP em 2022, numa conversa com o Roger Sassaki, eu descobri que os negativos em tons de rosa e vermelho possibilitam o alcance de uma maior número de tons na cianotipia.

Naquele semestre apresentei um trabalho para a disciplina de Processos Fotográficos com cianotipias feitas a partir de fotos do sítio dos meus avós e dos trilhos dos trens de São Roque. A partir daí praticamente todos os meus trabalhos para as outras matérias giravam em torno dessas mesmas fotos. Para a matéria de Projeto Gráfico, apresentei a ideia de um caderno costurado a mão em linha vermelha a partir das minhas cianotipias que inspirou o caderno que entreguei à banca esse ano para o TCC. Na disciplina de Pintura e Colagem comecei a utilizar meus testes em cianotipia como base para pintar. Foi aí que passei a fazer sanduíches dos negativos em transparências com as cianotipias. Meu trabalho para essa disciplina consistia naquelas mesmas fotos da casa dos meus avós e dos trilhos de São

Roque. A partir daí praticamente todos os meus trabalhos para as outras matérias giravam em torno dessas mesmas fotos. Para a matéria de Projeto Gráfico, apresentei a ideia de um caderno costurado a mão em linha vermelha a partir das minhas cianotipias que inspirou o caderno que entreguei à banca esse ano para o TCC. Na disciplina de Pintura e Colagem comecei a utilizar meus testes em cianotipia como base para pintar. Foi aí que passei a fazer sanduíches dos negativos em transparências com as cianotipias. Meu trabalho para essa disciplina consistia naquelas mesmas fotos da casa dos meus avós e dos trilhos de São Roque impressas em cianotipia, sobrepostas por pinturas em tinta acrílica e negativos diversos.

Com a volta ao CAP em 2022, passei a usar a caixa de luz UV utilizada na serigrafia para fazer minhas impressões. A possibilidade de utilizar o ateliê deu mais praticidade ao processo. Em São Roque eu utilizava o sol como fonte de luz para revelar as fotografias: era necessário medir a incidência de luz (unidade de medida lux) por um aplicativo e utilizava placas de vidro que achei num descarte de lixão para manter o papel sensibilizado no local certo. Já no ateliê, eu não precisava mais me preocupar com isso, além de que, com a impressora do CAP, pude começar a fazer negativos em tamanhos maiores.

Eu comprei transparências da ROMAF em tamanho A3 para jato de tinta e com a ajuda do Roger criei um perfil para as impressões. Depois comprei um rolo de 60 cm por 30 m com a mesma transparência. O perfil criado consiste em tinta matte e na configuração para singleweight matte paper. As primeiras tentativas foram com configurações que fizessem a impressora depositar grandes quantidades de tinta na transparência, visando criar um bloqueio total da luz, porém as transparências não secam rápido,

essas grandes quantidades de tinta criavam borrões e granulados.

No CAP, junto de outros colegas e com a ajuda do técnico Nivaldo, produzi também a minha própria mistura de ferricianeto de potássio e citrato férrico amoniacal marrom (antes eu utilizava kits de cianotipia prontos feitos de citrato férrico amoniacal azul). Apesar dos erros no processo, gostei do resultado da mistura e desde então venho usando-a para as minhas fotos.

Cheguei a um tom de magenta nos negativos utilizando uma tabela de cores fornecida pelo Roger para alcançar melhores tons na cianotipia. A escolha não se deu, no fim, pela qualidade de impressão que aqueles tons do negativo possibilitavam e sim pela beleza que encontrei na mistura do magenta com o ciano das fotografias

Todas as fotos que utilizei foram tiradas com a câmera do meu celular que, quando ampliadas, criam granulados na foto. Esses granulados junto das fotos de neblina colaboram para a aparência nebulosa das imagens. Testei alguns papéis de aquarela diferentes para a revelação das cianotipias, principalmente da canson. O que trouxe resultados que mais me agradavam foi o Montval, tanto pela sua absorção regular da mistura sensibilizadora, quanto pela sua textura, sem fissuras paralelas.

As fotos desse projeto foram tiradas quando passei a sair para fotografar um dos meus principais temas de interesse nas artes, que é a paisagem. Eu já tinha a ideia de fazer uma série de fotos de estradas e neblina, então passei a ir atrás de locais que eram propícios a gerar esses cenários. Fui para Paranapiacaba e para a Pedreira de São Roque em dias de chuva, passei a dirigir para São Roque com o celular num apoiado no vidro com um fio de pau-de-selfie plugado, o

que me permitia tirar fotos enquanto dirigia sem tirar minhas mãos de perto do volante.

Assim nasceu o projeto “A Tola, A Rota, A Paisagem”. Essas mesmas fotos foram expostas no Nascente em tamanho A3, o que foi uma ótima experiência para testar o que eu queria dessas fotos, deixei de colar os negativos nas cianotipias, pois qualquer cola faz com que a camada que absorve a tinta na transparência se dissolva. O nome foi inspirado na carta de tarot “O Louco”, que desde pequena me dá uns calafrios. Meu pai me dizia que essa carta era o último ciclo das cartas do tarot, que o Louco, na verdade, tinha mais a ver com a liberdade e com o desapego dos medos. Eu me sentia como o Louco andando pelas trilhas a procura da neblina para as minhas fotos, na iminência de uma tempestade no meio do mato, ou como uma tola.

Pretendo dar continuidade ao projeto trabalhando em escalas diversas. Apesar de estar em momento de produção com tamanhos maiores, gosto bastante dos pequenos formatos como o do caderno entregue a banca. Pretendo experimentar mais papéis e sair para perseguir a neblina novamente, quando estiver liberada para voltar a fazer trilhas.

Gostaria de agradecer às seguintes pessoas:

Meu orientador, João Musa, por ter me apresentado a fotografia de maneira tão encantadora durante toda a graduação. Meus pais e irmão, por sempre terem apoiado minhas escolhas e me motivarem nos momentos mais difíceis. Meus colegas de departamento, por todo carinho que me proporcionaram. Meu bisavô, Lóris, por ter me feito apaixonar pelas Artes Visuais quando ainda era uma criança.

Trabalho de conclusão de curso do Departamento de Artes Visuais da
Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo